



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

Débora Recchia Dorneles¹
Jones Mendes Correia²
Josiane Vian Domingues³
Mahinã Leston Araújo⁴
Régis Lima⁵

RESUMO: Este estudo objetiva analisar, a partir de falas de alguns alunos de Ensino Médio de uma escola da cidade de Rio Grande, como foi percebida a presença de estagiários de Educação Física naquele espaço. Tal estudo emergiu de inquietações dos estagiários durante o tempo em que estiveram presentes naquela instituição. Assim, ao final das intervenções, alguns alunos foram convidados a participar de um grupo de discussão objetivando debater acerca da presença desses estagiários na escola. Como resultado, buscamos apontar, nesse estudo algumas problematizações advindas dos diálogos entre estagiários e alunos daquela instituição.

Palavras-chave: Educação física. Ensino médio. Estágio supervisionado

*THE PRESENCE OF PHYSICAL EDUCATION'S STUDENT TEACHERS IN HIGH
SCHOOL: WHAT STUDENTS HAVE TO SAY ABOUT THAT?*

ABSTRACT: This study aims to analyze the speeches from some high school students at a school in the city of Rio Grande, about the way they perceived the presence of Physical Education's student teachers in that space. This study emerged from some concerns of the student teachers during the time that they had attended that institution. Therefore, in the end of the interventions, some high school students were invited to participate in a discussion group aimed at discussing the presence of these student teachers in that school. As a result, we point out in this study, some of problematization resulting dialogues between the student teachers and students of that institution.

Keywords: Physical education. High school. Supervised apprenticeship

*LA PRESENCIA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA EM LA ESCUELA SECUNDARIA
APRENDIZ: LO QUE LOS ESTUDIANTES TIENEN QUE DECIR ACERCA DE ESO?*

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo analizar los discursos de algunos estudiantes de secundaria en una escuela en la ciudad de Río Grande, se percibió como

¹ Graduada em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande.

² Graduado em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande, Mestrando do PPG Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

³ Graduada em Pedagogia Anos Iniciais e Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande. Doutoranda do PPG Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande. jo_pedagoga@yahoo.com.br

⁴ Graduada em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande. Graduanda em Educação Física bacharelado pela Universidade Federal de Pelotas.

⁵ Graduando em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

la presencia de alumnos de educación física en ese espacio. Este estudio surgió de la preocupación de los alumnos durante el tiempo que asistió a esa institución. Así, El final de las intervenciones, algunos estudiantes fueron invitados a participar en un grupo de discusión como objetivo discutir la presencia de estos alumnos en la escuela. Como resultado, se destaca en este estudio, algunos de los diálogos de problematización resultantes entre los alumnos y estudiantes de esa institución.

Palabras clave: La educación física escolar. Escuela secundaria. Bajo la supervisión.

INFORMAÇÕES PRELIMINARES:

A Educação Física escolar, no correr dos anos, passou a ser conhecida como aquela que insere na vida dos alunos uma “cultura corporal de movimento” (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Essa disciplina, dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), pode ser conhecida como manifestações que estão presentes nos jogos, nas lutas, nos esportes, nas ginásticas e nas danças.

Pensando em nosso tempo e espaço, o que vem sendo produzido nas aulas de Educação Física no Ensino Médio de um contexto bastante específico, são aulas que podem ser entendidas como desgastantes e desmotivantes, tanto para o professor quanto para os alunos, o que vem acarretando em um esvaziamento dessa disciplina, ou seja, os alunos acabam deixando de participar das aulas. Nesse sentido, os(as) estagiários(as) de Educação Física quando se inserem nos espaços escolares depararam-se com uma realidade que está colocada de maneira diferenciada daquilo que é visto na academia como “ideal” para as aulas e que deveria nortear uma proposta pedagógica.

Por conta de tal questão, pensamos em dar voz há alguns alunos que estão cursando o Ensino Médio e que tiveram aulas com estagiários(as) na disciplina de Educação Física para que esses pudessem discutir, a partir de seus relatos, como foi vista a presença desses professores no cotidiano escolar de uma escola pública da periferia da cidade de Rio Grande, RS no ano letivo de 2011.

Tal objetivo surge em meados do segundo semestre do ano letivo de 2011, em que foi realizado o estágio IV no curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande e que, como último ato avaliativo da disciplina foi proposto que os(as) estagiários(as) elencassem algo que fosse marcante do estágio e/ou que passou tangenciando as aulas ministradas. Nesse sentido, pensamos em analisar de que maneira



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

está sendo reconhecida a presença dos(as) estagiários(as) dentro do contexto escolar onde estávamos inseridos, permeados(as) pelo entendimento de que a disciplina de Educação Física no Ensino Médio, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁶ – LDB- é obrigatória.

Para poder desenvolver o objetivo proposto, dividimos esse texto em alguns momentos, em que no primeiro apontamos o objetivo e como esse estudo foi realizado, no segundo momento construímos um breve histórico da maneira pela qual a Educação Física escolar vem sendo produzida discursivamente para, por fim, analisar, a partir de alguns excertos das falas dos alunos, a maneira pela qual esses perceberam a Educação Física a partir da presença dos(as) estagiários(as) na disciplina em questão.

UM MODO ESPECÍFICO PARA PENSAR ESSE ESTUDO

Esse trabalho surge a partir de uma solicitação da disciplina de Estágio Supervisionado IV. Essa disciplina está presente no oitavo semestre do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande –FURG- e apresenta como objetivo vivenciar vinte horas de práticas pedagógicas, propondo dez horas de atividades supervisionadas para o Ensino Médio e dez para o Ensino Superior.

Ao finalizarmos as nossas intervenções no Ensino Médio foi proposto que apresentássemos de uma maneira “criativa” alguns pontos que mais se destacaram durante o estágio e deveríamos fazer isso com o grupo de alunos que estagiou nas escolas, portanto precisávamos encontrar um eixo comum a todos, o qual subsidiaria o nosso trabalho.

Nossa ideia acabou sendo uma roda de conversa entre alguns alunos das turmas -os quais se dispuseram voluntariamente- e os(as) estagiários(as) que atuaram naquela escola. Em outras palavras, a nossa intenção era ouvir, aqueles que para nós são os principais sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Dos pontos em comum, para o grupo de estagiários(as), o elemento “estágio” acabou, a nosso ver, estreitando a relação entre os alunos daquela escola e a disciplina

⁶ Lei 9.394/96.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?***

de Educação Física. Esse fato foi sendo produzido de maneira sutil, com o aumento do número de alunos que começaram a participar das aulas e pelos próprios relatos apontados pelos alunos ao longo do estágio sobre como a Educação Física começou a ser vista por eles.

Após termos um eixo que nortearia a nossa intervenção, pensamos em articular a nossa proposta com aquilo que pode ser conhecido enquanto características de um grupo focal. É importante salientar que não tínhamos a pretensão de assumi-lo enquanto um método, pois não queríamos ficar engessados a uma forma específica de fazer o estudo, mas sim, utilizar o grupo focal como uma inspiração, algo que nos impulsionasse, para depois seguirmos com as próprias pernas.

Conforme Minayo (2006, p. 269), o grupo focal

se constitui num tipo de entrevista ou conversa em grupos pequenos e homogêneos. Para serem bem sucedidos, precisam ser planejados. [...] A técnica deve ser aplicada mediante um roteiro que vai do geral para o específico, em ambiente não diretivo, sob a coordenação de um moderador capaz de conseguir a participação e o ponto de vista de todos e de cada um.

Para proceder com esse encontro, cada estagiário convidou dois alunos para participar, totalizando quatorze alunos, e como temática central da discussão tínhamos a presença do estagiário de Educação Física no Ensino Médio. Para que fosse possível construir algo que realmente atendesse tal temática, pensamos em algumas questões que serviram como uma espécie de roteiro para a nossa conversa com os alunos.

Tais questões foram as seguintes: O que é Educação Física para vocês? A Educação Física é vista como uma disciplina curricular? Como foi vista a inserção dos estagiários na escola? Qual a relação que vocês podem estabelecer entre a presença dos estagiários e as aulas de Educação Física? Para tanto, ao longo da nossa intervenção outros elementos acabaram emergindo e se tornaram tão relevantes quanto aqueles que propomos *a priori*.

Optamos por filmar a nossa roda de conversa para que não perdêssemos nenhuma informação para nosso trabalho. Além disso, utilizamos um gravador, para que, se algum dado fosse perdido pela filmagem, poderíamos recorrer a tal recurso.

No primeiro momento explicamos para os alunos a finalidade da gravação e dissemos que as imagens deles seriam preservadas, somente sendo utilizadas as falas. Entretanto, não houve um constrangimento ou inibição perante a câmera. Para a nossa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

surpresa, observamos a tranquilidade na fala dos alunos ao expor seus posicionamentos, críticas e avaliações relacionadas às aulas de Educação Física, permitindo com isso, entender minimamente o que foi possível ser produzido com a presença dos(as) estagiários(as) na escola.

BREVES DISCURSOS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Em se tratando da Educação Física no Ensino Médio, cabe a nós, nesse momento, fazermos uma pequena busca sobre as suas especificidades e apontar alguns acontecimentos que possam ser relevantes para pensar esse estudo. Esses tornam-se importantes para que possamos colocar em pauta a emergência dessa disciplina e a partir daí, intermediar a conversa que tivemos com os nossos alunos. Nesse pequeno exercício, cabe a nós inserirmos as ideias dos alunos, atravessando pelos discursos que estão sendo produzidos por alguns autores no que tange a Educação Física, especificamente a exercida no Ensino Médio.

O primeiro passo que pode ser importante para pensarmos a Educação Física a nível de Ensino Médio é entender o que está prevista para ela enquanto lei. Para isso a Lei de Diretrizes de bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 2004, p. 125) propõe que “a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica.” Entretanto, a própria LDB promulga também a Educação Física enquanto facultativa para aqueles alunos que “I. cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II. Maior de trinta anos de idade; III. Que estiver prestando serviço militar [...]”.

Além disso, outra prática que se torna usual no Ensino Médio e que se não existisse talvez pudesse ser minimizada as dispensas das aulas é o contraturno, ou seja, quem estuda no período da manhã, tem aulas de Educação Física à tarde e vice-versa. Sobre essa ideia, Darido (1999, p.138) aponta que

[...] as escolas impõem aulas de Educação Física, mesmo para os alunos do período diurno, em período contrário ao das demais disciplinas. Para o aluno retornar a escola, muitas vezes distante de sua casa, ou para o aluno trabalhador a Educação Física fora do período sempre se constituiu num estorvo, e como



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?***

consequência, novamente, tínhamos um aumento do número de alunos dispensados.

A partir da fala de Darido, nos foi possível perceber que existe uma sublime crítica as aulas que são postas no contraturno escolar. No estudo feito pela autora, ela observa que ao realizar um trabalho com 30 professores acerca do contraturno, 22 não concordam com tal prática, preferindo que suas disciplinas sejam dispostas juntamente com as demais no turno em que o aluno tem as suas aulas.

Na busca por uma possível resposta acerca da presença da Educação Física no Ensino Médio, Barni e Schneider (2003) fazem um apanhado histórico sobre essa disciplina no Brasil. Para dar conta disso, acabam percorrendo um caminho, desde o parecer Rui Barbosa, o qual implementou a Educação Física no currículo escolar até os dias de hoje. Para os autores (2003, p.02)

nota-se hoje, que a Educação Física, e em especial a do Ensino Médio, é um componente que em grande parte das vezes, é marginalizado, discriminado, desconsiderado, chegando até por vezes a ser excluído dos projetos políticos pedagógicos de algumas escolas.

Pode ser importante elemento para pensarmos a Educação Física no Ensino Médio os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. Para tanto nesse documento são traçados alguns objetivos, especificamente para o que deveria ser produzido nesse nível de ensino escolar. De acordo com os PCN- (BRASIL, 1997, p.24):

a Educação Física escolar pode sistematizar situações de ensino e aprendizagem que garantam aos alunos o acesso a conhecimentos práticos e conceituais. Para isso é necessário mudar a ênfase na aptidão física e no rendimento padronizado que caracterizava a Educação Física, para uma concepção mais abrangente, que contemple todas as dimensões envolvidas em cada prática corporal.

Pensar em uma Educação Física que atenda as demandas exigidas pelo Ensino Médio é ultrapassar o que é proposto enquanto prática pedagógica. Arriscamos afirmar que é ir além daquilo que são propostos para os jogos, as lutas, as danças, as ginásticas e os esportes, os quais são conteúdos que atualmente formam a disciplina em questão. É conhecer os alunos enquanto sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, é necessário que seja pensado no plano que rege a escola que leve em consideração os espaços sócio-culturais onde os alunos estão inseridos para que a disciplina não seja



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

apenas um fazer por fazer, mas sim que tornem as aulas atrativas/ motivantes tanto para os alunos quanto para os professores.

AS VOZES DOS ALUN@S: EDUCAÇÃO FÍSICA, “MOTIVAÇÕES” E PROCESSOS DE AULA E “NÃO-AULA”

Um ponto que se tornou interessante de ser discutido juntamente com os alunos é a importância atribuída por eles à disciplina de Educação Física dentro da instituição escolar. Para tanto, na visão dos alunos essa disciplina torna-se importante quando se tem uma proposta estruturada a ser cumprida e não meramente com uma execução de atividades que não apresentem sentido algum para eles.

Na fala da aluna A isso pode ser registrado:

Se fosse pra não fazer nada que nem a gente faz, eu não acho nem um pouco importante. É só pra gente sair da nossa casa e gastar o nosso tempo. Melhor ta em casa”.

Corroborando com tal ideia, o aluno B coloca que:

Se é pra não fazer nada, fica em casa mesmo. Porque eu acho que fazer Educação Física é fazer esporte, jogar futebol, vôlei, handebol, qualquer coisa. É importante mesmo, não só por causa que nós vamos se exercitar, mas é a nossa saúde também. E a gente aprende bastante também.

As falas dos dois alunos apontam para aulas de Educação Física em que nada acontece, ou seja, sair de casa e fazer as mesmas atividades configura-se para eles enquanto atividades vazias, sem sentido, pois não há potencialidade nem mesmo problematização durante as práticas. Em diálogo com Mariz de Oliveira *apud* Ghilard (1998, p. 01) “a Educação Física deve produzir um conhecimento organizado e comprovado que permite a qualquer pessoa mover-se de forma específica ou genérica, eficaz ou harmoniosa, otimizando todas as suas potencialidades e possibilidades.”

Em outras palavras, a Educação Física na instituição escolar deve promover uma cultura do movimento humano que seja capaz de abranger as potencialidades e limitações dos sujeitos e não meramente executar atividades vazias e que comprometam os espaços culturais onde os alunos estão inseridos. Tal fato pode ser evidenciado com o relato da aluna C



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

Aqui tem sido só pra contar, assim, porque não tem sido pra gente aprender. Porque realmente a gente não tira nada das aulas. E eu acho que teria que ter... a gente teria que sair com alguma coisa de cada aula.

Oliveira (1998/1999, p. 03) explica sobre o sentido catártico da disciplina de Educação Física dentro da instituição escolar. Para o autor, a partir da Segunda Guerra Mundial, tal disciplina passa a ser vista como importante apenas para o “dispêndio de energia”, caracterizando assim o não-lugar sistematizado e organizado na escola.

Quando questionados se eles enxergam a disciplina de Educação Física dentro da escola, alguns dos alunos apontam que

Eu acho que até quando a gente tava no ensino fundamental era, por causa que a gente tinha aula e quando não.. quando chovia tinha que escrever, tinha que entregar trabalho. Mas agora que é de tarde ou de manhã pra quem estuda de tarde, não é uma disciplina. É uma coisa que a maioria da turma não frequênta e todo mundo ganha a mesma nota. Tem um monte de gente que não vai, as vezes nem entrega trabalho e ganha a mesma nota. Dá qualquer desculpa que ganha a mesma nota”. (Aluna A)

Em tal fala, é possível perceber a não relevância atribuída pelos próprios professores de Educação Física com a disciplina. Esse fato pode ser visto no momento em que a aluna afirma que no nível escolar que ela se encontra atualmente -Ensino Médio- a Educação Física não é vista enquanto uma disciplina curricular e isso acaba se configurando até mesmo pela forma avaliativa⁷ que é pensada para a disciplina: todos os alunos acabam sendo aprovados, desde aqueles que efetivamente participam das aulas e realizam os trabalhos escritos exigidos, até mesmo os que não participam das atividades e meramente entregam os seus trabalhos⁸. Existe uma espécie de descuido, um não comprometimento do professor perante a sua disciplina.

Sobre a presença do professor de Educação Física dentro da escola, Oliveira (1998/1999, p. 09) afirma que

o profissional de Educação Física não pode continuar se apresentando como um organizador de torneios e festas perante a sociedade. É necessário que ele

⁷ Mesmo entendendo que para o processo de ensino-aprendizagem não é a avaliação quem determina e produz a seriedade com que as disciplinas devem ser tratadas, ela é um importante elemento dentro do processo escolar e assim como outros, precisa ser planejada com bastante cuidado e pensada a partir das especificidades culturais que estão presentes nas escolas e não ser produzidas para um todo.

⁸ Na escola onde o estudo foi feito, a avaliação configura-se da seguinte maneira: participação e presença nas aulas práticas e também um questionário a ser respondido e entregue em uma data estipulada pelos(as) professores(as). Entretanto, a partir de relatos, muitos alunos não apresentam a cobrança de participar das aulas – seja por residir longe da escola, por trabalhar ou por apresentar atestado médico- e apenas entregam o trabalho.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?***

se apresente como um gerador, um difusor, um crítico de idéias. Idéias sobre a corporalidade, a organização social e política da sociedade, sobre a cultura. Ainda que a categoria do professor, de maneira geral, esteja desvalorizada, dificilmente a sociedade abriria mão da escola, bem como, não abriria mão do ensino “clássico” da língua, da matemática ou da ciência. Essa discussão nos remete novamente à questão da legitimidade, que só pode se dar por inferência política (Bracht, 1992). No caso da Educação Física e seus profissionais, não raramente ele é apresentado como um sujeito pouco comprometido com a escola, inconseqüente, sem uma função específica dentro da própria instituição, não fosse pela organização de “peladas”.

Outro ponto bastante discutido pelos alunos é a expressão “não-aula”, que é trazido por Machado et al (2010), dentro da prática de desinvestimento pedagógico. Para os autores a expressão “não-aula” significa o espaço onde deve haver aula, mas que possui apenas bolas largadas para que os alunos “se divirtam”.

Para os autores (2010), isso ocorre por alguns motivos, principalmente por professores que estão em final de carreira, os quais de certa forma, não enxergam na sua prática um futuro, apenas um passo a mais para a aposentadoria. No entanto, as razões pelas quais a “não-aula” vem sendo desenvolvida, não é o foco central de nosso estudo, entretanto tal questão emergiu e pode ser uma pista para pensarmos o estágio de Educação Física.

Nesse sentido, foi latente a aceitação dos alunos do Ensino Médio, em se tratando da forma como os estagiários se inseriram na escola. Mais uma vez ressaltamos que estamos apenas analisando a forma como foi percebida pelos alunos a nossa proposta de trabalho, a qual foi desenvolvida com diversas práticas corporais de movimento: alguns utilizaram esportes, outros lutas, além de jogos, ginásticas e danças.

Partindo dessa questão, apontamos a fala da aluna D:

Porque assim óh, no momento em que o professor não procura se especializar, ele não ta querendo melhorar, ele ta estagnado, ele não vai querer melhorar pra ele, então ele não vai melhorar pra gente. Então aquela coisa, se ela não melhora a aula, vai ser praticamente sempre igual [...] chega um ponto que tu não vai mais ter interesse em ver aquilo. Báh, o que tu vai pensar: poxa, hoje, quinta-feira, duas horas da tarde, o sol rachando, vou sair de casa pra ver o que eu vejo todo o ano, todos os dias?

Seguindo o diálogo, outra aluna reiterou o dito pela colega. Cabe ressaltar que as duas não são colegas de turma, mesmo assim, é possível pensarmos em uma comunhão de pensamentos entre as duas, não sobre o que é a Educação Física, mas sim, sobre o que vem sendo e o que pode ser a disciplina.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

Esse pensamento da Aluna D⁹, a gente tinha o mesmo pensamento. Isso foi o que mais nos motivou a ir às aulas depois que os estagiários chegaram. Porque ia ter coisa diferente, por isso que várias pessoas aumentaram, aumentou o número de pessoas que vão à aula (Aluna A).

O que se observa nas falas das alunas, é que esse processo dito como “não-aula” pode acabar proporcionando a existência de uma certa desmotivação por parte dos alunos. Nesse sentido, Chicati (2000, p. 100) aponta que,

a motivação não se demonstra na mesma intensidade em todas as pessoas, pois temos interesses diferenciados. Sendo assim, o professor deve estar consciente da busca por conteúdos diversificados e motivantes, para que se consiga atender aos interesses contidos nas turmas, fazendo com que essa falta de previsão que a motivação manifesta, não venha lhe causar dúvidas no que diz respeito à motivação de seus alunos.

Com isso, foi possível perceber que os alunos não possuem uma opinião favorável a prática da “não-aula”. A falta de motivação dos alunos pode se dar no sentido da repetição das atividades, ou nas palavras deles “do não fazer nada”. Os alunos acabam não enxergando nesse espaço um processo de ensino e aprendizagem e além de tudo, não veem como atrativas a prática de chegar ao campo, responder a chamada, pegar a bola, jogar e ir embora, sem uma ação pedagógica efetiva. A fala expressada pela aluna D pode confirmar essa ideia.

[...] os estagiários, eles trouxeram brincadeiras que nos puxavam para a aula.

Para os alunos ocorreu uma espécie de modificação na configuração da proposta de trabalho nas aulas, o que para alguns desses significou certa mudança na forma de pensar na Educação Física inserida no currículo escolar. Esse fato pode ser visto a partir da fala apontada pela aluna A

[...] eu odiava jogar taco porque eu não entendia como é que batia na bola, mas depois que eu aprendi e comecei a jogar do jeito que a professora¹⁰ ensinou, eu comecei a gostar. (Aluna A)

As duas falas registradas acima direcionam para outra forma de entender a Educação Física naquela instituição através do trabalho dos estagiários. Para os alunos a modificação no trato das aulas acabaram se tornando estimulantes e significativas para o processo de aprendizagem. Em outras palavras, essas modificações na maneira de

⁹ Grifo nosso para preservar a identidade da aluna D.

¹⁰ A professora na qual a aluna se refere é a estagiária que atuou naquela turma.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?***

abordar os conteúdos ao longo das aulas podem ser pensadas a partir de uma estimulação no processo ensino-aprendizagem, colocando os alunos como sujeitos ativos nesse processo.

Para nos auxiliar a pensar mais um pouco nessa questão, utilizamos Paiano *apud* Frey (2007) no momento em que afirmam que o professor precisa ser um sujeito inovador ao longo das aulas e estimular os alunos para que haja um aprendizado efetivo. Além disso, para os autores é preciso considerar os alunos enquanto sujeitos que são complexos e unos. Nas palavras de Frey (2007)

preocupando-se não apenas com o corpo e o movimento, é importante que a Educação Física, para ser mais significativa e abrangente, lide com o verdadeiro ser humano e com tudo que se relaciona ao movimento em nossa sociedade, assim como justifica MARIZ de OLIVEIRA (1991). E para justificar essa presença, a Educação física deve ser modificada, usando ambientes que envolvam os alunos como cooperação, respeito e colaboração. Assim será possível que os alunos compreendam a realidade em que estão inseridos, podendo posteriormente intervir de maneira positiva (PAIANO 1998).

Uma vez que conseguimos perceber que essa modificação na maneira de abordar os conteúdos da Educação Física teve uma boa aceitação por parte dos alunos, acabamos arriscando um pouco e extrapolamos o nosso espaço de estagiários(as) e interpelamos os alunos a respeito da “Educação Física Larga a Bola”, que, em nossa visão, acaba configurando a prática de um professor desmotivado perante a sua profissão. Ao assinalarmos aos alunos que a partir de uma mudança no quadro geral da Educação Física, modificaria também a cobrança sobre eles -os alunos-, nossa pergunta foi respondida com outra pergunta, antes mesmo que pudéssemos concluí-la:

Tu queres saber se a gente tá disposto a mudar? (Aluna A)

A questão apontada pela aluna nos faz pensar que os alunos daquela instituição se mostraram dispostos a acabar com a situação da “não-aula”, apontada por eles. As experiências ofertadas e as vivências possibilitadas durante o estágio podem ter contribuído para que eles se enxergassem como agentes importantes no processo de construção do conhecimento, tão relevantes quanto o dos docentes.

É importante pensarmos a Educação Física como uma disciplina presente no currículo escolar e como tal, deve ser explorada da mesma maneira como outra disciplina. Em outras palavras, a Educação Física não pode ser negligenciada, pois ela é



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

possuidora de características peculiares, com um leque vasto e amplo de conhecimentos específicos, como salienta Betti (1992).

Nesse sentido o estágio que muitas vezes se configura para o estagiário como um lugar burocrático a caminho do grau acadêmico, dessa vez se constituiu enquanto um espaço onde foram gerados inúmeros aprendizados. Os relatos que apontamos, registrados a partir da colocação dos alunos de Ensino Médio podem ter mostrado isso. Em outras palavras, o tempo na qual estivemos inseridos(as) naquela escola foram momentos que produziram alguns efeitos para nós, estagiários de Educação Física e possivelmente para eles, os alunos.

UMA PAUSA APENAS PARA TOMAR MAIS FÔLEGO

Ao finalizar este trabalho, a única certeza que temos é a de que não é possível ter certezas. A Educação Física no Ensino Médio no contexto que vivenciamos vem sendo trabalhada de uma forma que para os nossos alunos não é atrativa. Entretanto, é possível elencar alguns pontos que mais chamaram a atenção tanto no transcorrer do estágio, quanto na roda de conversa em que as opiniões dos sujeitos que “recebem” o conhecimento foram ouvidos.

Um primeiro ponto que foi discutido foi a crítica dada ao processo de “não aula”. Os alunos se mostraram interessados em aprender os conteúdos próprios da Educação Física, em detrimento ao não fazer nada. Nesse sentido, é possível afirmar que houve uma percepção -nossa e o dos nossos alunos- que a mudança requer uma cobrança maior, em relação as aulas que são ministradas.

Além disso, uma modificação na proposta de trabalho que foi executada na instituição durante o estágio e isso acabou gerando, em alguns casos, uma mudança nas opiniões dos alunos a respeito da disciplina de Educação Física enquanto um componente curricular. A “não aula” acaba, no período de intervenção dos estagiários perdendo espaço, uma vez que os alunos avaliaram a participação desses como a da produção de outros aprendizados.

Também é importante reiterar, que fomos bem recebidos pelos alunos, os quais mostraram extrema maturidade, tanto no decorrer das aulas e principalmente durante a



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

nossa conversa, o qual produziu frutos, como esse trabalho. Jovens de quinze a dezoito anos de idade, com senso crítico bastante apurado e com opiniões formadas sobre como vem sendo produzida a Educação Física naquele espaço. Dessa forma, é possível entender que esse processo foi fundamental para que se chegasse a essas análises e por mais que o trabalho tenha sido pensado a partir das falas dos alunos, acreditamos que dificilmente poderíamos dissociar desse debate, as aulas por nós ministradas. Isso porque, foi ali, naquele tempo e espaço que conhecemos os alunos, que vimos os efeitos que a disciplina de Educação Física pode produzir, o que nos faz pensar que houve uma complementação das duas práticas.

Analizamos que mais estudos devam ser feitos sobre esse tema, afinal, o estágio supervisionado se constitui enquanto um fazer pedagógico que investe no processo de ação e reflexão das suas próprias práticas, atravessadas por aquilo que ficou de mais significativo ficou para os(as) alunos(as). Sendo assim, não cabe apenas aos estagiários avaliarem seus alunos, é importante ver o outro lado de forma mais clara e constante, a partir de um constante exercício, tendo em vista que não basta a aula ser “boa” para os avaliadores, a aula deve ser atrativa e produzir alguns efeitos nos alunos, os quais são considerados como os protagonistas do espaço da escola e nos cedem a oportunidade de “treinar” nossos conhecimentos de forma mais prática.

REFERENCIAL:

BARNI, Mara Juttel. SCHNEIDER, Ernani José. A Educação Física no Ensino Médio: Relevante ou Irrelevante? In: **Instituto Catarinense de Pós-Graduação, ICPG**. Ago-Dez, 2003.

BETTI, Mauro. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? In: **Rev. Brasileira de Ciências do Esporte**, 13 (2), 1992.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei 9.394/96. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BRASIL, **lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 5ª Edição. Biblioteca Digital da câmara dos deputados. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br>. Acessado em: 19 de novembro de 2011.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A PRESENÇA DO ESTAGIÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO: O QUE OS ALUNOS TÊM A DIZER SOBRE ISSO?*

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Educação física /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CHICATI, Karen Cristina. MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO. In: **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. Cortez editora 1992.

DARIDO, Suraya Cristina, et al. Educação Física no ensino médio: Reflexões e Ações. In: **MOTRIZ** - Volume 5, Número 2, Dezembro/1999.

FREY, Mariana Camargo. A Educação Física no Ensino Médio: a opinião dos alunos sobre as aulas, In: <http://efdeportes.com/> Revista digital- Buenos Aires. Año 12 – nº 113, outubro de 2007.

GHIRALD, Reginaldo. Formação profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. In: **MOTRIZ** - Volume 4, Número 1, Junho/1998.

MACHADO, Thiago da Silva, et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, abril/junho de 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Hucitec, 2006.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda. Existe espaço para o ensino de Educação Física na escola? In: **Pensar a Prática** 2: 119-135, Jun./Jun. 1998/1999

Recebido em: 22/03/2012
Aprovado em: 10/05/2012